

Governo reduzirá crescimento econômico

O ministro do Planejamento, José Serra, disse ontem que o governo vai reduzir o ritmo de crescimento da economia para não comprometer a estabilidade dos preços.

Segundo o ministro, o aumento de 13% da produção industrial verificado em dezembro é insustentável.

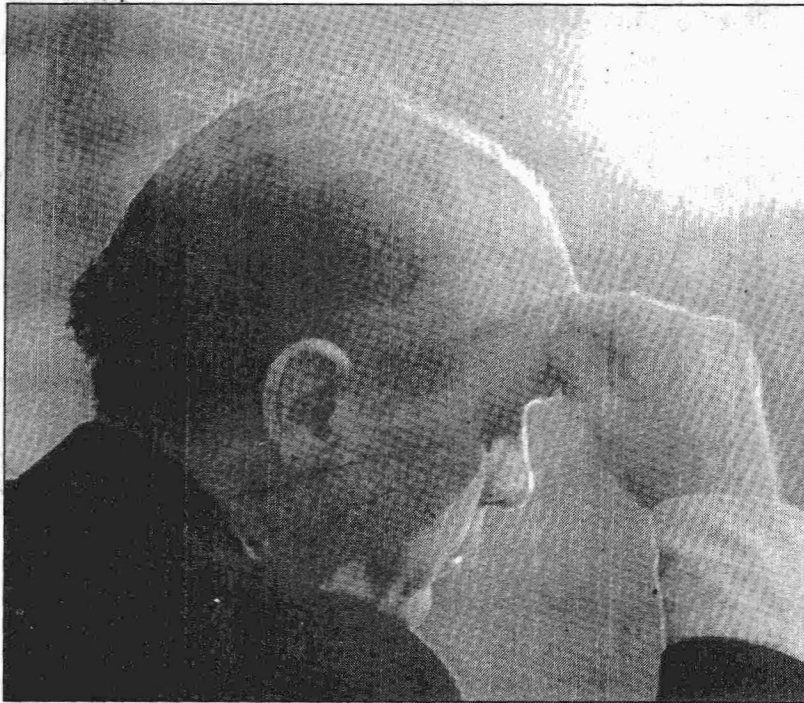
“Trata-se exclusivamente de uma questão de velocidade, não de provocar uma recessão”, explicou Serra, durante depoimento na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado. “O governo Fernando Henrique Cardoso tem o compromisso sagrado de manter a inflação sob controle”, enfatizou.

Serra não quis adiantar se as novas medidas de contenção do consumo serão adotadas, mas deixou claro que elas serão tomadas sempre que for necessário.

Problemas — Segundo o ministro, o governo enfrenta outros dois problemas, além do crescimento excessivamente rápido da economia, para manter a estabilidade do real: o aumento dos gastos públicos, que põe em risco o equilíbrio orçamentário, e a deterioração das contas externas, provocada pela crise financeira internacional, deflagrada pela quebra do México.

Além de cortar despesas públicas e isentar as exportações do PIS e da Contribuição para Financiamento da Seguridade Social

Jefferson Rudy



Serra: contenção de consumo será adotada sempre que necessário

(Cofins), o governo decidiu flexibilizar a política cambial para permitir a desvalorização do real.

Mudança — Ele revelou que a mudança na política cambial deveria ter sido feita ainda em janeiro, mas que a explosão da crise mexicana levou o governo a adiar a medida.

“Naquele momento, a mudança poderia ter sido entendida de modo distorcido, como um sinal

de fraqueza do governo”, ponderou.

Evitando fazer previsões sobre o desempenho das contas externas, Serra admitiu como razoáveis as projeções de alguns economistas de um déficit de US\$ 10 bilhões das contas correntes do balanço de pagamentos deste ano.

“Não seria nenhuma tragédia”, ponderou. O déficit resultaria de um saldo negativo de US\$ 15 bi-

lhões na conta de serviços (juros, royalties, fretes e outros pagamentos), compensado por um superávit de US\$ 5 bilhões na balança comercial.

Financiamento — Para o ministro, esse déficit pode ser financiado pelo ingresso de capitais externos de mais longo prazo. “As previsões são de que haverá um boom de investimentos diretos na economia brasileira”, afirmou.

Déficit — Serra não quis comentar também a notícia de que a balança comercial registrou déficit de até US\$ 1,2 bilhão em fevereiro, preferindo esperar os números oficiais do Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo.

Informou também que “não mais de um terço” das reservas cambiais são constituídos por investimentos de curto prazo, que podem deixar o País a qualquer momento.

Para o ministro, o Plano Real completou oito meses sem que haja inflação reprimida na economia. “É preciso que a oferta de produtos cresça para atender ao aumento da demanda, mas com taxas razoáveis, que possam ser sustentadas pela poupança disponível.

No passado, já ocorreram períodos de pressão muito acelerada que resultaram em aumento da inflação e do desemprego”, alertou.